

Sociedade Rorschach de São Paulo

**BOLETIM
DA**

SOCIEDADE
RORSCHACH
DE SÃO PAULO

Orgão Oficial da Sociedade Rorschach de São Paulo

Vol. 1 n.º 2

Ago. - Dez./1982

Sociedade Rorschach de São Paulo



SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO
Rua Itapeva, 490 - cj. 74
Fone: 289-2067 - São Paulo - SP

Presidente

Lúcia Coelho

Dra. em Ciências Médicas e Mestre em Filosofia das Ciências, Profª de Teoria da Personalidade e Interpretação do Rorschach.

Vice-Presidente

Lilias Piccinelli

Mestra em Psicologia Educacional, Profª do 3º ano do curso Oficial da SRSF

Secretária Geral

Viviana Minerbo

Licenciada em Psicologia

Segunda Secretária

Ana Maria T.B. Prestes de Camargo

Professora Mestre em Psicologia Clínica

Tesouraria

Loda França

Licenciada em Psicologia

Diretor da Comissão Científica

Luci Soares Leite

Licenciada em Psicologia

Diretor da Comissão da Nomeação e Orçamento

Dayse Maria Bracco

Licenciado em Psicologia

Comissão de Cursos da Sociedade Rorschach

Ruy Benedito Mendes Filho

Psiquiatra, Profª de Psicopatologia Geral

Mário Balster

Psiquiatra, Profª de Psicopatologia Especial

Leontina Waack Ferreira

Socióloga, Orientadora de Metodologia de Pesquisa

Ruy Coelho

Profª de Personalidade e Cultura, Livre Docente em Sociologia

Luci Soares Leite

Licenciada em Psicologia, Profª do 1º ano do curso Oficial

Iraní Tomiatto de Oliveira

Psicóloga

Lilias Piccinelli

Mestra em Psicologia - Profª do 3º ano do Curso Oficial

Secretária Executiva

Sonia Ivania Fantauzzi

Tradutora, nível universitário

S.R.S.P.
Biblioteca
ANIBAL SILVEIRA
ACERVO
Nº 000746

EXPEDIENTE**Responsável**

Profª Ana Maria T.B. Prestes de Camargo

Conselho Editorial:

Profª Drª Lúcia M.S. Coelho

Profª Ana Maria T.B. Prestes de Camargo

Dr. Ruy Benedito Mendes Filho

Psicol. Daisy Mala Bracco

Psicol. Leda França

Redatora:

Profª Ana Maria T.B. Prestes de Camargo

Secretária da Redação:

Sônia I. Fantauzzi

Permutas:

Rua Itapeva, 490 - 7º andar - conj. 74

Publicidade:

Sônia I. Fantauzzi

Leontina W. Ferreira



I N D I C E

EDITORIAL - Lucis M.S. Coelho.....	11
SOBRE O CONCEITO DE NORMALIDADE EM PSIQUIATRIA - Ruy Benedicto Mendes Filho.....	13
O PERÍODO PARA-NATAL - DÁISY MAIA BRACCO E VIVIANA MINERBO....	20
COMPARAÇÃO ENTRE DUAS TEORIAS DA PERSONALIDADE - Claudete B.de Souza, Marcia M. de Hello, Margareth Rahmê, Rosita Pereira....	27
NOTICIÁRIO.....	54
INDICADOR PROFISSIONAL.....	57

EDITORIAL

Lucia M. Salvia Coelho

Após muito empenho e trabalho da comissão editorial, chegamos ao segundo número do Boletim da Sociedade Rorschach de São Paulo.

Com esse número encerramos nossa atividade de presidente da Sociedade Rorschach de São Paulo, cuja distinção, que tanto nos honra, ao mesmo tempo implicou em grande responsabilidade científica e profissional.

Estamos certos de que a próxima diretoria dará continuidade aos nossos trabalhos, mantendo o espírito de colaboração harmoniosa e desinteressada que sempre caracterizou nossa Sociedade.

De fato, poucas entidades científicas conseguem, como a nossa, reunir profissionais de tão diversas especialidades em ciências biológicas e sociais, convergindo seus trabalhos teóricos e investigações empíricas na elucidação das várias expressões da dinâmica psíquica.

Segundo as diretrizes do criador do Psicodiagnóstico, consideramos o método de Rorschach um instrumento de exame multidisciplinar que não se restringe à área clínica da Psicologia, abrangendo outros campos de conhecimento científico.

O conteúdo dos trabalhos apresentados no presente número confirma a extensão de nosso campo de reflexão: O confronto entre diferentes teorias da personalidade, o estudo das relações interpessoais consideradas em diferentes grupos étnicos e examinadas através do desempenho de diferentes papéis sociais, as considerações sobre a expressão normal e patológica do comportamento humano, constituem temas indispensáveis para todos aqueles que se dedicam à compreensão do Psicodiagnóstico de Rorschach.

Ao deixar temporariamente o Brasil, só nos resta agradecer e cumprimentar os colegas e alunos, cuja participação em reuniões, conferências e grupos de pesquisa tanto contribuíram para manter o elevado padrão científico de nossa Sociedade.

I. Introdução

As considerações que se seguem, sobre tema tão complexo, resultaram da elaboração dos tópicos discutidos em seminários sobre o texto de Canguilhem (2), durante o curso de Psicopatologia da S.R.S.P.

As indagações e comentários valiosos dos colegas, voltados para a clínica, fizeram-nos ver que o problema transcende o domínio teórico, não podendo ser senão uma reflexão sobre a prática.

A transposição da esfera conceitual para a realidade dos fatos é, realmente, questão da maior relevância para aqueles que se dedicam à atividade clínica, em especial na área psiquiátrica.

É preciso destacar as contribuições decisivas, com relação a essa articulação entre a teoria e a realidade concreta, dos principais inspiradores do pensamento moderno, Comte (3) e Marx(1), não obstante suas divergências doutrinárias.

Cada vez mais, e principalmente desde o século XIX, vemos delinear-se a distinção entre o subjetivo e o objetivo, o abstrato e o concreto, no plano do conhecimento.

Com relação às ciências práticas, é evidente a necessidade de estabelecer parâmetros de avaliação objetiva, em especial no estudo das variações individuais do comportamento.

No entanto, a delimitação da faixa de oscilação normais e patológicas em classificações sistematizadas deverá reintegrar-se à singularidade de seu objeto: o indivíduo em concreto.

Configura-se-nos impossível a apreensão imediata e objetiva do todo que caracteriza cada existência particular.

Em nossa opinião torna-se imprescindível partir de concepções teóricas que permitam, mediante a utilização de métodos específicos e de modelos conceituais apropriados, uma aproximação científica deste objeto.

Uma construção teórica com tal objetivo possibilitará cor-relações seguras entre os diversos níveis de manifestações do organismo e trará melhor compreensão sobre as diferentes expressões que assume a sua constante interação com o meio ambiente.

Cada indivíduo poderá, desse modo, ser estudado sob prismas diversos; Segundo o aspecto histórico, geral e especial; de acordo com os recuos da observação sistematizada, direta e indireta; a partir do método comparativo e dos resultados da experimentação biológica e também pela análise dos casos caracterizados como patológicos.

* Médico e professor de Psicopatologia da Sociedade Rorschach de SP

divíduo em concreto, o "agente social".

Com relação a este problema, partimos de uma sistemati-
zação teórica específica, e não nos alongaremos demais sobre isto,
por não se tratar de nosso propósito imediato. Esta base teórica po-
derá ser melhor compreendida com a leitura de obra fundamental da
profa. Lúcia Coelho, na qual analisa detidamente os fundamentos dou-
trinários da Escola da Silveira (3).

Este autor definia personalidade não como a noção suje-
tiva de unidade individual, nem como a peculiaridade de cada exis-
tência concreta, mas tomando-se como um modelo estrutural do conjun-
to das funções psíquicas invariáveis, próprias da espécie e, portan-
to, comuns a todos os seres humanos.

A compreensão dos processos psíquicos dar-se-ia pelo mo-
delo de sistemas, dos quais os componentes simples seriam as fun-
ções psíquicas inerentes à espécie, correspondendo a uma escala de
valores funcionais com participação diversa no comportamento suje-
tivo (operações mentais) e no manifesto.

Este modelo estrutural de personalidade é o referencial
para o estudo dos diversos processos psíquicos, devendo ser articu-
lado com os modelos específicos dos níveis diferentes de expressão
da atividade mental e das estruturas fisiológicas e anatômicas que
são a sua base orgânica.

As diferenças individuais adviriam das variações da ati-
vidade funcional, da qualidade dos órgãos e de seu arranjo dinâmico,
além da dependência para com a mediação das funções de ligação, que
estabeleceriam sua conexões respectivamente com vida vegetativa e
com o mundo externo (?).

Concepção teóricas como a que expusemos, sumariamente,
facilitariam sobre maneira o estudo das variações individuais do
comportamento, principalmente com relação à distinção entre as os-
cilações normais e patológicas.

III: A sistematização da prática

Não obstante apoiar-se em fundamentos teóricos gerais,
a Psiquiatria é disciplina essencialmente prática, de onde o seu
carater de arte.

O conjunto teórico erigido para prática psiquiátrica a
figura-se dos mais complexos, e não poderia ser de outra maneira,
em função da própria complexidade das manifestações em que pretende
intervir o especialista.

Contudo, a ingenuidade das críticas muito comuns, atual-
mente, aos quadros abstratos da Psicopatologia e ao empreendimento

da Psiquiatria advém não tanto da desorientação conceitual, mas da falta de contato com os problemas que somente surgem no âmbito da clínica.

Ressalta Silveira: (...) O diagnóstico nosográfico não constitui sequer a finalidade imediata do exame psiquiátrico. Convém não esquecer que as modalidades clínicas a que chegamos como conclusão desse estudo semiológico, isto é, as doenças mentais, representam entidades abstratas por excelência. Certamente, existe um conjunto de dados que rotulamos, por exemplo, como esquizofrenia ou como psicose maníaco-depressiva. Mas isto constitui simples criação do espírito humano, artifício lógico para metodizar o trabalho: Nosso dever é considerar objetivamente em que condições somáticas e psíquicas se encontra o indivíduo cujas manifestações psicóticas descrevemos com o diagnóstico (...) São aquelas condições específicas, não esta entidade genérica, o que há de orientar o psiquiatra (...) (5)

Assim, se por um lado é indispensável para a Psiquiatria o conhecimento psicológico, ela não pode prescindir dos estudos de muitos outros campos, voltados para os fundamentos biológicos da atividade mental, em especial sobre a atividade cerebral que é o substrato dinâmico do psiquismo

O psiquiatra deverá levar em conta, ainda, o conjunto de influências oriundas do ambiente, físico e social, e analisar detidamente qual a sua participação, em grau diverso, na confluência de fatores que determinam o quadro clínico individual.

Tipos abstratos, tais como os que se prefigura como "normal" ou o "psicótico" representam, assim, meras idealizações sintéticas e não se pode partir dessa errônea conceituação para a discussão dos parâmetros de avaliação da normalidade.

Entretanto, é possível aferir objetivamente, desde um ângulo devidamente assentado no conhecimento clínico, se as condições psíquicas de um determinado indivíduo configuram ou não um estado mórbido.

A avaliação dessas condições será, entretanto, o fruto da versatilidade intelectual e do senso prático de cada investigador em particular.

Contudo, como referiu Silveira: "o psiquiatra já não se pode considerar como investigador isolado, mas por força da própria doutrina passa a receber o concurso do assistente social" (...) E destaca, a seguir, também o papel do psicólogo, na equipe necessária para o empreendimento clínico. (5).

IV. O normal e o patológico

Se até agora analisamos a importância do conhecimento teórico que orienta a prática clínica foi com o intuito de recordar que a avali

ação das condições psíquicas individuais não pode resultar de meras impressões pessoais, ou seja, que os critérios para esse procedimento dependem do estabelecimento de diretrizes bem fundamentadas, de caráter científico e técnico,

Desde o primeiro tópico apresentado, discutimos a necessidade de fundamentos racionais para qualquer empreendimento prático. Agora, podemos concluir sobre a conceituação de normalidade.

Como se pode depreender, o conceito de normal é essencialmente relativo, e voltado para a avaliação de um objeto específico, o indivíduo em concreto. Resta dividir os sentidos que podem tomar semelhante apreciação: Um, com relação à verificação da normalidade de um aspecto individual, correlacionado com o mesmo aspecto aferido no comportamento de outros indivíduos, a partir de métodos comparativos: outro, que implica na observação deste aspecto no indivíduo em questão: Como ele o integra, como sofre a sua influência, como reage especificamente a ele e, o que é mais importante, como a característica observada interfere no seu relacionamento com os demais.

O estado apreciativo da normalidade, em cada caso, deverá levar em conta, portanto, todos os recursos semiológicos da clínica, além do levantamento exaustivo da história individual, das condições de organização familiar, sócio-econômica e do relacionamento interpessoal.

Além disso, é preciso não confundir os pares de conceito. Anormal não é, necessariamente, sinônimo de patológico.

A extensão excessiva do conceito de patológico distancia-se da realidade dos fenômenos vitais, que consistem justamente em processos de auto-regulação e de compensações, sendo portanto essencialmente dinâmicos e voltados para os desequilíbrios inerentes à própria existência, como observou Piaget(4).

Nesse sentido, cabe recordar as considerações de Canguilhem quando caracteriza a saúde do organismo justamente como o estado de reserva potencial, não somente como potencial das possibilidades de reequilíbrio, mas como fonte dos estímulos para o estabelecimento de novas normas, quer quanto à solicitação do organismo, quer como invenção de novas condições de vida, a partir da intervenção ativa sobre o ambiente(2).

Desse modo, o homem não é apenas um seguidor de normas, mas, antes de tudo, as institui, como ser normativa.

Os estados mórbidos não representam somente o resultado de um prejuízo da homeostase mas também a limitação do indivíduo, como agente ativo das transformações de seu próprio ambiente. (E tal é o caso dos distúrbios psíquicos, de um modo geral).

É impossível, concretamente, separar sua vida, da vida social. O homem é um ser, a um tempo, sociável, reflexivo e normativo.

Em suma, a avaliação da normalidade deverá decorrer da apreciação sistemática das condições reais e objetivas da existência de cada indivíduo em particular.

A qualquer procedimento analítico nesse sentido, porém, deverá suceder a síntese, mais ainda, deverá ser constituída a síntese, pois a investigação abstrata pressupõe esta visão de conjunto, sem a qual não se poderá verdadeiramente instituir.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) BOTTOMORE, T.B. y RUBEL, M., org.
- "Karl Marx - Sociologia y Filosofia Social"
Trad. de Solé-Tura, J. 3a. ed. Barcelona, Península, 1978.
- (2) CANGUILHEM, G - "O Normal e o Patológico".
Trad. de Carvalho Barrocas, M.T.R. 1a. ed.
Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1978.
- (3) COELHO, L.M.S. - "Fundamentos Epistemológicos de uma Psicologia Positiva".
Trad. de Rizkallah, Z.Y. 1a. ed. São Paulo, Ática, 1982.
- (4) FLETCHER, R. - "El instinto en el hombre".
Trad. de Saltzman, C.E. Buenos Aires, Paidós, 1972.
- (5) PIAGET, J. - "Biología e Conhecimento"
Trad. de Guimarães, F.M. Petrópolis, Vozes, 1973.
- (6) SILVEIRA, A. - "Acepção de Semilogia no Domínio das Doenças Mentais".
São Paulo, Arq. Assist. Psicopatas, 1950. 15:5-21.
- (7) SILVEIRA, A. - "Parieto-temporal Regulation of Frontal Lobe Functions".
11th World Congress of Neurology, Amsterdam, 1977 (Comunicação de trabalho)

Um estudo comparativo de mulheres grávidas submetidas ao método se Rorschach.*

Daisy Maia Bracco
Viviana Minerbo

O período para-natal, gestação e puerpério, é considerado como um período de crise de amadurecimento (de acordo com estudos realizados por Uddenberg-1975. Bibring-1961), durante o qual, a mulher deve integrar experiências presentes e passadas para poder se adaptar ao novo papel relacionado à maternidade.

Parece que toda gestação gera um conflito entre duas tendências dinâmicas que se opõe; a tendência materna e a tendência a rejeitar o bebê que vai nascer. Na opinião de M. Langer e R. Saifer (1964), os primeiros seis meses post-partum, definem a possibilidade futura de saúde mental de uma mulher e a forma como resolverá seus conflitos.

Esta pesquisa representa um passo preliminar para o desenvolvimento de estudos posteriores, considerando alguns fatores importantes que ocorrem no período para-natal.

Alguns distúrbios que podem ocorrer nesse período são:

- . abortos espontâneos ou não (Saifer - 1973, Weil-1960),
- . depressões leves ou profundas (Mayer Gross - Slater e Roth 1969),
- . psicoses puerperais, ou outros distúrbios mentais de menor gravidade (Uddenberg-1975),

Os Objetivos desta pesquisa são:

1. Estudar a presença de sentimentos de ansiedade e depressão, aos quais as mulheres são sujeitas durante o puerperium, de acordo com a literatura (Deutsch e Saifer). Essa proposta a ser verificada, principalmente através das respostas de luminosidade e outros fatores do Teste de Rorschach, tais como o número total de respostas, aumento de respostas globais, aumento de controle verificado no P+ e diminuição no número de respostas de movimento e cor.
2. A possibilidade de desenvolvimento de novos papéis protótipos de vida que poderiam ser atribuídos ao novo papel psico-social que a maternidade confere, a ser verificado através do estudo comparativo das respostas de movimento humano.

(*) Trabalho apresentado no XIV Congresso Internacional de Rorschach em 1977, Fribourgo, Suíça

Nossa amostra consistiu de um grupo de gestantes que procurou uma clínica particular na cidade de São Paulo, para tratamento pré natal.

Foram escolhidas doze primíparas, numa faixa etária entre 20 e 30 anos, com a média de 25 anos. Todas elas pertencentes à classe média, do ponto de vista sócio-econômico cultural.

Todas casadas, com curso secundário completo e nenhuma em tratamento psiquiátrico.

Esse grupo foi selecionado por um ginecologista responsável pelo tratamento médico, e uma socióloga que realizou a entrevista com as mulheres.

III. METODOLOGIA

O método de Rorschach foi aplicado no terceiro mês de gravidez e com um re-teste realizado no terceiro mês após o parto.

O terceiro mês de gravidez foi escolhido porque nesse período comumente a náusea e os vômitos deixam de acontecer, afim de evitar que outras variáveis pudessem interferir nos resultados.

O terceiro mês após o parto, foi escolhido para o re-teste, porque de acordo com a literatura, a depressão port-partum pode se instalar até o período dos primeiros seis meses. O terceiro mês seria aquele que se encontra no meio desse período.

Os fatores dos testes foram tratados de acordo com o método estatístico de Wilcoxon Matched - Pairs Signed - Ranks Test, porque esse método considera a magnitude relativa assim como a tendência das diferenças entre os pares. Esse método estatístico foi aplicado aos fatores gerais dos testes, e depois separadamente às séries monocromáticas e coloridas.

Foi realizado posteriormente um estudo qualitativo das correlações dos significados psicológicos correspondentes a auto-afirmação, amadurecimento psicológico, aumento da energia, consciência da impulsividade, reação emocional, expressão da sociabilidade e ansiedade, afim de verificar possíveis modificações ocorridas no re-teste.

Definição dos Termos

Entendemos por auto-afirmação a capacidade de elaboração da noção de si própria e do relacionamento interpessoal, verificado no método de Rorschach através da proporção de respostas de movimento humano mais amadurecidas (M) e as mais subjetivas (m e m').

Entendemos amadurecimento psicológico como significando uma prevalência das elaborações atuais baseadas nos dados de realidade sobre as concepções infantis verificados no número absoluto de respostas que no teste são qualificadas na faixa de objetividade em comparação com aquelas que se situavam numa faixa subjetiva.

Aumento de energia é entendido como significando o nível da interferência das concepções subjetivas no comportamento explícito, segundo a escola de Protrowski.

Consciência da impulsividade significa a possibilidade de entrar em contato com a existência de conflitos internos e de tendências não manifestadas no comportamento explícito.

Verificado, através do índice Impulsividade de Silveira.

Por reação emocional entende-se a repercussão afetiva da noção do ambiente real ou imaginário que permite o contacto entre o meio externo e a adaptação, nem sempre consciente. Este dado foi pesquisado através das respostas de luminosidade.

Por bloqueio emocional entende-se a inibição dessa repercussão afetiva através de mecanismos da defesa de contenção motora, verificadas através da diminuição do número de respostas de luminosidade.

Expressão da sociabilidade é a manifestação adequada dos sentímentos e controle das reações primárias verificadas através da proporção de número de respostas FC: CF: C:

A ansiedade verificada em nível inconsciente, associada a nexos emocionais primários, verificados através do choque afetivo.

IV. RESULTADOS QUANTITATIVOS

As diferenças estatísticas não foram significativas, quando com parados os testes realizados na primeira e segunda fase da pesquisa.

Quanto a avaliação qualitativa verificamos que a nossa hipótese inicial de que poderia ocorrer um aumento de número de respostas de movimento humano, com o desempenho do novo papel psico-social, não foi confirmada. Verificamos que em três casos dos dois estudados, houve um aumento no número de respostas, enquanto que em outros cinco casos o número de "M" sofreram uma diminuição. Os restantes, quatro casos, permaneceram inalterados.

Quanto ao amadurecimento psicológico, foi observado um melhor

desempenho em três casos. Seis permaneceram inalterados e três apresentaram maior imaturidade.

Foi constatado um aumento do grau de energia em seis casos, enquanto três permaneceram inalterados e três diminuíram.

Em quatro dos doze casos pesquisados, verificamos um maior consciência da impulsividade, permanecendo os outros inalterados.

A reação emocional foi o único fator a apresentar um desvio mais significativo, porque sete dos doze casos apresentaram um bloqueio emocional no re-teste.

Quanto à expressão da sociabilidade, verificamos que houve uma maior adaptação em seis casos, enquanto que nos outros seis casos foi constatado maior imaturidade.

Quanto ao fator ansiedade, os resultados obtidos após o parto são contrários a hipótese do trabalho, pois em nove casos o re-teste demonstrou ausência de ansiedade.

V. DISCUSSÃO

Esperávamos a presença de respostas significativas de ansiedade e sentimentos depressivos, apenas no re-teste, entretanto, verificamos que na primeira aplicação do teste, durante o 39 mês de gestação, o grupo das gestantes, apresentou aproximadamente o mesmo número e tipo de respostas de luminosidade.

Consequentemente, não tentamos analisar outros fatores do teste de Rorschach, indicativos de sentimentos depressivos: número total de respostas, aumento de G, aumento de F+, diminuição de N e respostas de côr.

Analisando estes fatores, não pudemos discriminar uma diferença no teste e re-teste, quanto a emergência de sentimentos depressivos e ansiedade, embora houvesse um ligeiro aumento da tendência a desses sentimentos em quatro casos.

Nós atribuímos a presença de sentimentos de ansiedade e disforia durante a gravidez a mecanismos psicológicos diferentes daqueles que podem aparecer no puerperium.

Podemos levantar a hipótese de que durante a gravidez, esses sentimentos foram mobilizados em parte pela própria condição da expectativa frente a gestação. E em parte deve-se considerar que submeter-se a uma prova psicológica, desconhecida e sem conhecer o objetivo da pesquisa, pode ter mobilizado sentimentos ansiosos.

Os sentimentos de ansiedade e depressão após o parto podem ser

devidos a sentimentos de perda, ansiedade quanto a integridade biológica relacionado ao ciclo menstrual, dúvidas quanto a poder arcar com as necessidades do recém-nascido.

Notamos que as respostas de movimento humano não modificaram significativamente, no re-teste, como esperávamos a partir da hipótese de que o novo papel social de mãe pudesse influir nos resultados.

Podemos pensar que o re-teste foi aplicado num período de tempo, em que não teria havido possibilidade de que esse novo papel já estivesse assimilado de forma consciente pelas novas mães. Isso não significa necessariamente que não estivessem se ajustando ativamente a essas novas funções.

VI. CONCLUSÕES

Nosso estudo mostrou que não há uma diferença significativa tanto do ponto de vista estatístico, como através de avaliação qualitativa das respostas do teste e re-teste, quanto a nossas duas hipóteses de trabalho.

Em relação aos sentimentos depressivos e ansiedade, que aparecem tanto na primeira como na segunda fase, levantamos hipóteses que esses sentimentos podem ocorrer devido a diferentes fatores que aparecem nos dois momentos.

Quanto aos papéis protótipos de vida, verificamos que nossa hipótese não foi confirmada, talvez devido ao curto intervalo de tempo entre o parto e a aplicação do re-teste. Pensamos que esse intervalo de tempo não seria suficiente para uma identificação mais completa como o novo papel de mãe.

TABELA DAS MODIFICAÇÕES DE RE-TESTE

AUTO-AFIRMAÇÃO: M. = 10'	AMADURECIMENTO PSICOLOGICO	AUMENTO DE ENERGIA	CONSCIÊNCIA DA IMPULSIVIDADE
<ul style="list-style-type: none"> - Diminuição 5 - Aumento 3 - Inalterado 4 	<ul style="list-style-type: none"> - Diminuição 3 - Aumento 5 - Inalterado 4 	<ul style="list-style-type: none"> - Diminuição 3 - Aumento 6 - Inalterado 3 	<ul style="list-style-type: none"> - Aumento 4 - Inalterado 8
REAÇÃO EMOCIONAL	EXPRESSIONE SOCIABILIDADE	ANSIEDADE (choque afetivo)	
<ul style="list-style-type: none"> - Bloqueio 7 - Aumento sub jetivo 2 - Expressão mais livre 3 	<ul style="list-style-type: none"> - Imaturidade 6 - Aumento da capa cidade adaptati va 6 	<ul style="list-style-type: none"> - Aumento 3 - Ausente 9 	

BIBLIOGRAFIA

1. Langer, Marie - Maternidade y Sexo - Ed. Paidós, Buenos Aires 1966.
2. Mayer - Gross, Slater and Roth - Psiquiatria Clínica - Vol. I, Ed. Mestre Jore, S. Paulo, 1969.
3. Siegel, Sidney - Non Parametric Statistics For the Behavioral Sciences - Mc Grae Hill Book Co. Inc. Kogakusha Co Ltd. Tokio, 1956.
4. Soifer, Raquel - Psicologia del Embarazo, Parto y Puerperio Ed. Kargleman, Buenos Aires, 1973.
5. Uddemberg, N. and Nilson L - The Longitudinal Course of Para-Natal Emotional Disturbance-Acta Psychiatria Scandinavica, 52, 160, 169 1975.
6. Weil, Robert and Tupper - Personality Life Situation and Communication: A Study of Habitual Abortion American Psychosomatic Society, 1960.

COMPARAÇÃO ENTRE DUAS TEORIAS DE PERSONALIDADE

Propomo-nos, neste trabalho, fazer uma tentativa de correlação entre as teorias de personalidade concebidas por Auguste Comte e Sigmund Freud. Inicialmente apresentaremos um breve resumo de cada uma como introdução de nosso objetivo.

Claudete Brancacio de Souza
Marcia Marina de Helle
Margareth de Lello Rahmê
Rosita Emilia Pereira

PERSONALIDADE SEGUNDO AUGUSTE COMTE

Segundo a teoria de Auguste Comte, personalidade é algo inato (genético) do ser humano, ou seja, todo indivíduo tem a mesma estrutura de personalidade e, o que varia entre eles é a dinâmica desta. Sendo assim, deve-se conhecer primeiramente a estrutura para depois compreendermos o dinamismo da personalidade, o que é peculiar a cada indivíduo.

Há assim, três setores nos quais as funções subjetivas de personalidade são agrupadas: Afetividade, conação e inteligência.

Cada uma dessas funções corresponde a determinadas áreas cerebrais que constituem os órgãos, os quais formam sistemas.

Vários métodos são utilizados para se estudar a personalidade. Comte utilizou, principalmente, os métodos genético (desenvolvimento do indivíduo normal) e comparado (evolução das diferentes espécies animais e das diferentes sociedades). Há ainda o método patológico, o qual nos ajuda bastante a evidenciar cada função.

Normalmente, todas as funções se relacionam tão intimamente que parece existir algo único; mas, é sob condições patológicas que podemos distinguir cada uma distintamente.

Sabemos que há certa hierarquia entre as funções, sendo que as mais básicas (mais energéticas) são regidas pelas mais complexas, que por sua vez, dependem daquelas. Assim, temos como funções básicas da afetividade os instintos e os sentimentos. Na conação, temos: a firmeza, a coragem e a prudência. E na inteligência temos a observação, a elaboração e a expressão.

AFETIVIDADE: Suas funções básicas e fundamentais no indivíduo, que o estimulam para o contato com a realidade externa, sua sobrevivência, bem como a da espécie, são os Instintos.

Na realidade, o que observamos são os comportamentos instintivos e não propriamente os instintos, os quais são concepções abstratas, necessidades básicas e inconscientes.

O instinto mais básico é o nutritivo, o qual é indispensável à sobrevivência do indivíduo e atua continuamente, cessando apenas com sua Morte. Segundo Comte, instinto nutritivo é definido pa



ra animais que têm sistema nervoso e em que as funções nutritivas se subordinam a uma estrutura nervosa especial, que oferece um correlato subjetivo.

Temos também, o instinto sexual (conservação da espécie), o qual é responsável pela maturação e dinamismo das glândulas sexuais. Sua função de reprodução só ocorre quando o indivíduo amadurece geneticamente. Assim, estes dois instintos estão sempre estimulando as outras funções psíquicas, se exprimindo de modo diverso, conforme o nível de amadurecimento do indivíduo.

Completando os instintos temos o de posse ou materno, que mais diferenciado, que exige o cuidado da prole como meio de conservação da espécie e que vai se traduzir através de expressões mais diferenciadas nas diferentes fases de evolução do indivíduo.

Estes três instintos citados, constituem a parte mais básica da individualidade; há, segundo Comte, dois grupos de funções psíquicas intermediários entre eles e os sentimentos (sociabilidade)

Seriam as funções relativas à destruição e à construção, as quais estão ligadas ao instinto nutritivo. Vai havendo aí, já, um contato com o ambiente. Prevalece, no início, as tendências à destruição, onde o indivíduo destrói objetos com os dentes e após, com as mãos. Coincide este período, com o aparecimento dos dentes. Essa destruição corresponde a um meio que a criança tem para conhecer o ambiente que a rodeia. Após, vai havendo uma tendência para a construção, através de brincadeiras. A partir daí há o predomínio da construção na atividade do ser humano.

Pensando em um plano mais diferenciado, e portanto, mais ligado às relações interpessoais, há duas funções denominadas necessidades, que seriam: a necessidade de domínio e a necessidade de aprovação. Gradativamente, a criança vai sentindo necessidade de dominar o ambiente e os outros; seria um desejo de poder, a qual denomina-se orgulho e que se relaciona com a destruição e com o instinto nutritivo. Esta necessidade de poder seria como estímulo para o indivíduo analisar os fatos e adquirir conhecimentos.

À medida que as relações humanas vão se ampliando, há necessidade da criança de ser aceita pelo grupo, então, passa a se comportar de modo a obter aprovação dos demais. Surge aí, a necessidade de aprovação, que sempre está presente no ser humano e que é basicamente egoísta. Esta necessidade é fundamental para o desenvolvimento das funções da sociabilidade e foi relacionada com a construção e aos instintos de conservação da espécie. Recebe também o nome de vaidade.

Assim, podemos ver que a medida em que as funções subjetivas vão se tornando mais complexas e mais relativas ao relacionamen

to interpessoal, vai havendo maior influência do meio ambiente, do meio cultural e do meio social do indivíduo.

Temos agora as funções que resultam entre o indivíduo e o ambiente e que se manifestam através das relações interpessoais: são os sentimentos. É este setor da sociabilidade que permite a no dificação, o desenvolvimento e o aperfeiçoamento do indivíduo. Pos sui três funções: apego, veneração e bondade. Dessas três é o ape go o que possui maior cargo de individualidade pois depende das sen sações de prazer e desprazer da criança, ou seja, de sua reação afe tiva. Há inicialmente um apego à mãe, pois esta lhe é uma fonte de satisfação pois lhe dá calor, alimento e sensação táteis agradáveis. É relacionado com a construção, a qual está ligada à todas as funções de sociabilidade. No adulto, o apego manifesta-se através de liga ção afetiva mais intensa que ele poderá ter com as pessoas, os luga res e os objetos.

Este tipo de relação afetiva com o ambiente está ligado também no plano de individualidade, ao instinto de posse ou materno. Sendo assim, o vínculo que se estabelece, em nível de sociabilidade, entre o indivíduo e determinados aspectos do ambiente, depende das primeiras experiências emocionais da criança.

A medida em que as funções conativas e intelectuais ama durecem e as relações interpessoais da criança se ampliam, ela vai sendo capaz de assimilar normas mais gerais do meio, e assim, se so ciabiliza através de sentimentos mais diferenciados que o apego. As sim, surge a tendência a compartilhar, a pertencer a uma unidade ma is ampla, um sentimento que representa uma evolução mais completa da necessidade de aprovação, que é a veneração. Assim, a criança, des de o início, encontra-se em um ambiente específico, com determinada cultura e classe social. Vai assimilando tudo isso e inicialmente es sa assimilação se faz através da mãe (sentimento de apego) e depois vai se identificando com os valores sociais, mais amplamente. Ela pas sa a imitar os adultos, seus comportamentos e posturas, adota diferen tes papéis. Deste modo ele vai aprendendo e vão se estruturando as reações que provocará em outras pessoas e em si mesma. Com os ape gos, ela vai aprendendo as reações dos outros e a adequar seus com portamentos às situações novas que vão surgindo. Assim, vai ter um amadurecimento emocional e um relacionamento cada vez ma is. Quando o indivíduo deixa de ser estimulado predominantemente pelas necessidades de domínio e de aprovação, quando considera os outros companheiros, aparece a bondade (amor) que consiste em reconhecer e aceitar os sentimentos do outro, e, principalmente, na capacidade de dar de si (criatividade).

Com o amadurecimento psicológico, as funções da sociabi lidade passam a dominar (regem) as da individualidade.

Sabemos que entre todas essas funções da afetividade existem ligações e interrelações, bem como, à medida em que vão amadurecendo a conação e a inteligência, é que vão surgindo as funções mais relativas à sociabilidade. Há portanto, sempre, participação das três esferas em tudo.

CONAÇÃO OU ATIVIDADE: As funções da conação (coragem, prudência e perseverança) que em seu conjunto formam a esfera conativa da personalidade, estudada por Anibal Silveira, segue o modelo teórico de A. Comte; essas funções subjetivas que regem a atividade do indivíduo, quer seja em seu comportamento explícito, quer dirigindo, orientando ou estimulando o trabalho mental, não são em si consideradas aqui, como uma ação propriamente dita, isto é, um ato realizado, mas sim, os dinamismos e disposições internas que propiciam a exteriorização das tendências afetivas e o trabalho intelectual.

Pretendemos mostrar a importância dessa esfera, a qual consideramos como parte intermediária e interligadora e a que permite a manifestação, isto é, a exteriorização das outras funções da afetividade e da inteligência.

As funções da conação, como explicitamos anteriormente, são:

- Coragem (estímulo) - inicia a ação.
- Perseverança (manutenção) - firmeza dos atos.
- Prudência (inibição) - bloqueio ou moderação da ação.

A todo ato, necessário se faz o estímulo ou coragem para a sua realização, prudência para a seleção e perseverança para sua manutenção. De um modo geral, os movimentos são regidos pela excitação (estímulo), retenção (prudência) e firmeza (perseverança).

Coragem é o estímulo inicial para toda ação explícita e, todo trabalho mental, está muito ligado ao sistema vegetativo (instinto nutritivo) e à função de destruição; isto no plano afetivo. Intelectualmente relaciona-se com a dedução (desmontagem de dados) Esta função é inata ao indivíduo porém, para seu funcionamento, depende ainda de fatores extrínsecos como:

- A- Amadurecimento cerebral-inicialmente, nos primórdios da vida há liberação motora como expressão direta de condições vegetativas, prevalecendo nesses casos a coragem.
- B- Desenvolvimento das relações interpessoais--o processo da socialização do ser humano, faz com que a expressão direta e espontânea dos impulsos, se submetam às exigências ambientais
- C- Condições específicas do ambiente externo mesmo tratando-se de um indivíduo em idade madura, determinadas condições ambientais desencadeiam reações motoras imediatas, estimulando

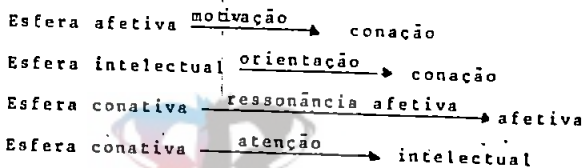
preferentemente a coragem, se em situações provocadoras de cólera ou em situações de perigo de vida imediatos.

Perseverança é uma função intermediária entre as duas funções ativas. É uma função contínua que permite a manutenção de um movimento. É muito importante para o trabalho mental, mantendo-o.

Prudência é uma função ativa, modeladora, selecionadora, e mesmo, inibidora da ação. Submete a ação às exigências da realidade. Está ligada à função afetiva da construção e, quanto à inteligência, está ligada à elaboração indutiva.

Para a seleção adequada é necessário o amadurecimento e a educação social do indivíduo coordena a atividade motora para o trabalho prático e produtivo. Sendo que se vê a importância fundamental da prudência no comportamento humano adaptado, organizado.

Esquemáticamente, transcreveremos móveis de ligação que são, na realidade, dinamismos internos e, correlacionados com as outras esferas:



A afetividade (instintos e sentimentos) estimula a ação através da motivação.

Em relação aos instintos (impulsos) afetivos, a conação transforma-os aqui em comportamento, ex: existe o instinto nutritivo, a necessidade de alimentação, a conação o transforma em comportamento instintivo-o indivíduo procura alimentar-se (a ação); com o impulso ou o instinto sexual, a conação leva o indivíduo a satisfação de suas necessidades sexuais (a procura do parceiro sexual e sua realização em si).

Em caso contrário, impulsos ou instintos estimulando funções conativas.

O impulso (instinto) nutritivo estimula a coragem do indivíduo, devido este ser basicamente uma necessidade imperiosa, preservação individual.

O instinto sexual é o de posse estimulam a prudência, pois leva à preservação da espécie e de produtos "emanados de si".

Há os impulsos ou os chamados estímulos de aperfeiçoamento:

Destruição-estimulando a coragem pois requer muita ação.

Construção-estimulando a prudência, orienta os atos para uma construção

Nos estímulos da Ambição ou Afirmção pessoal temos:

A necessidade de domínio-estimula a coragem para a dominação orgu-
lho pessoal.

A necessidade de aprovação-estimula a prudência, orienta nossos atos
para a satisfação de nossa vaidade.

Já os sentimentos (apego, veneração e bondade) agem, de um
modo geral, sobre a prudência mas, o caso do amor ou altruísmo é, so-
bretudo, estímulo da coragem.

Ainda no plano afetivo mas, já indiferenciado, que é o con-
tato interpessoal (sociabilidade) vemos que interferências, repres-
sões e reduções da liberdade para a ação e expressão do pensamento pro-
vocam tensão emocional importante a ponto de desencadear fenômenos
característicos de estimulação da coragem, no caso, destruição; aí,
nesses casos, como expressão do instinto de conservação.

De um modo indireto, a conação influencia a afetividade a
través da via intelectual, em que se produz uma ressonância afetiva
sobre as imagens elaboradas.

A inteligência estimula a conação diretamente, através da
orientação mental que é função intelectual e, que coordena a ação ex-
plícita no meio (orientação de um movimento ou comportamento explíci-
to).

A conação, porém, age diretamente sobre as funções intelec-
tuais, através da Atenção. Age nesse setor mantendo ou iniciando o
trabalho mental, permitindo a formação da noção de realidade. (noção
intelectual).

Ao nível da observação (função intelectual), a atenção con-
centra-se, age através da contração motora dos músculos dos órgãos
periféricos e, subjetivamente, pela sensibilidade da musculação. Es-
te processo, concentração da atenção, depende fundamentalmente da per-
severança, que mantém o estímulo constante para o meio externo e con-
trolla seletivamente os processos deste meio para a realização do tra-
balho mental.

Ao nível da elaboração (outra função intelectual) age a
prudência, inibindo os aspectos inadequados ao raciocínio, a coragem,
desenvolvendo o trabalho dedutivo e a perseverança, permitindo a con-
tinuidade do pensamento e do trabalho mental em si.

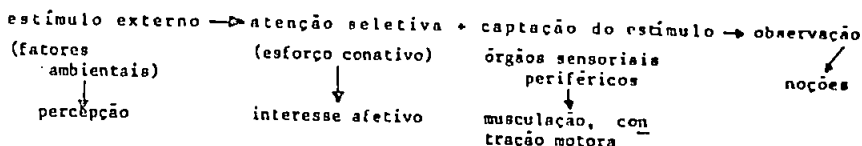
Ao nível da comunicação ou expressão (resultantes do tra-
balho mental como forma ativa de exteriorização do pensamento), coor-
dena através de:

- gestos que são estimulados pela coragem,
- palavra (escrita e articulada) estimuladas pela prudência pela se-
leção que se submete a palavra escrita ou falada (expressão ver-
bal.
- derivação da atividade explícita para o plano da cogitação intelec-
tual, produções internas, seja em estado de vigília (fantasias, de-
vaneios) seja no sono (sonhos). Estes são processos pelo juízo da

valor (ligado aos sentimentos) e podem ser conscientes ou inconscientes.

ESQUEMATIZAÇÃO MAIS DIDÁTICA:

afetiva + inteligência → funções conativas → comportamento explícito



Apresentamos um esboço da movimentação, desde os primórdios menos diferenciados para os mais evoluídos, já diferenciados e dependentes de um amadurecimento do sistema nervoso central (mielinização) caracterizando o amadurecimento do ser humano.

No feto, na criança recém-nascida e em idades mais avançadas, as reações motoras são manifestações do instinto de conservação, não há ainda, coordenação, ato voluntário orientado, pois ainda, o sistema intelectual, não atuante, não o influencia.

Na fase uterina, o feto apresenta movimentação passiva. Esses movimentos, como produtos de reflexos, se apresentam desde cedo na vida fetal (2-5 meses). Esses movimentos surgem à medida em que se formam as terminações nervosas sensitivas e substância cinzenta; assim como o aparecimento do sistema vestibular.

Após o nascimento, vemos ainda, a movimentação como expressão do instinto de conservação:

- 1º- movimentação geral
- 2º- a criança chora para receber oxigênio, suga o seio para não morrer de fome, porém, como está imatura quanto às funções intelectuais, é necessário que a mãe coloque o seio em sua boca (ambiente afetivo).
- 3º- movimentos de orientação (olhar, rotação da cabeça em direção ao estímulo auditivo, luminoso, cutâneo).
- 4º- movimentos mais elaborados (rolar, sentar-se, levantar-se, andar).
- 5º- movimento de preensão voluntária de alimentos (ato de alimentar-se).
- 6º- movimentos intencionais ligados à habilidade específica e prontos, para a satisfação de nossas necessidades (afetivo).
Ex: trabalho, luta, utilização de instrumentos técnicos.
- 7º- movimentos já integrados com afetividade, inteligência (falar, escrever, expressões mímicas).

Os 19 e 29 são congênitos.

Os 39 e 49 são adquiridos após o nascimento (criança 3-12 meses). Os demais aparecem no decorrer do desenvolvimento da criança até a fase adulta.

Faremos uma breve recordação sobre as reações individuais adequadas ou não, ligadas à esfera conativa, como expressão direta das disposições afetivas; assim como características do caráter humano.

Em determinadas situações em que há reações emocionais intensas (afetivo) o controle intelectual não é suficiente para a orientação do ato, então o indivíduo manifesta suas reações emocionais através de atos imediatos, sem orientação. Um exemplo, encontramos nos estados de côlera. Há prevalência da coragem desencadeando o ato, que em geral, é acompanhado de violência, destruição. Em um outro estado emocional agudo, ao invés do estado acima, temos uma reação em que há consideração dos movimentos, no caso predomínio da prudência, inibindo o ato; o indivíduo entra em pânico.

Quanto ao caráter, o sistema conativo contribui, levando a características peculiares a cada ser, Ex-

Caráter expansivo - há prevalência da coragem, o indivíduo é extrovertido, bastante ativo e empreendedor. Às vezes se torna impulsivo, precipitado em suas ações. De um modo geral tem muita iniciativa.

Caráter retraído - tem pouca iniciativa, prevalece a prudência.

São introvertidos, às vezes até tristes.

Existem, ainda, ligados às funções conativas, traços de personalidade que formam o temperamento dos indivíduos:

Traços relacionados com aumento ou predomínio de coragem: agressividade, levando a ação agressiva no meio; competição, com disposição hostil; impulsividade, dando atitude sarcástica, crítica. Em caso de prevalência da Prudência: pessoas dependentes, tímidas, omissas, cautelosas, passivas, astênicas, inseguras.

INTELIGÊNCIA: Essa esfera é formada por três funções específicas:

Observação, Elaboração e Expressão (comunicação).

São funções superiores, responsáveis pela noção de realidade, pela ligação, adaptação do indivíduo ao meio e sua integração social. Dependem elas, do amadurecimento biológico e psicológico do indivíduo.

Observação - está diretamente ligada aos órgãos sensoriais da percepção. Divide-se em : observação concreta e observação abstrata.

Na observação há o estímulo e formação da imagem primária (vide teoria das imagens, mais adiante) que nos dará posteriormente as noções.

A observação concreta está ligada mais ao mundo externo, à captação mais imediata e direta dos estímulos. Necessário se faz, o interesse ativo e a concentração da atenção para selecionar as impressões sensoriais, agrupando-as.

Inicialmente, os objetos são percebidos da maneira confusa: com o desenvolvimento da observação concreta, há síntese e os objetos passam a ser percebidos de maneira distintas, específicas. Dá uma noção do ser exterior em seu todo real.

Está ligado à atividade prática concreta, limita-se ao tempo e espaço, por isso são restritas e limitadas; daí resultam as comparações dos diversos elementos do ambiente externo.

É o primeiro contato intelectual com a realidade.

A observação abstrata nos dá as características dos objetos, capta os fenômenos independentes do objeto particular onde eles se expressam, analisa seus demais componentes, não vê os objetos como um todo, mas, suas partes componentes, permitindo seu isolamento. É uma observação mais diferenciada, dá uma visão analítica, abstrata dos objetos.

As funções da elaboração são as responsáveis pelas concepções subjetivas, ou seja, é através das funções de elaboração que interpretamos as noções obtidas pela observação, daí resulta o pensamento ou idéia.

Existem dois tipos de elaboração: a indutiva e a dedutiva. Na elaboração indutiva, reunimos e simplificamos os dados captados a través da observação concreta, por um processo de comparação das analogias e dos contrastes verificados, chegamos a uma conclusão. Através da elaboração indutiva é possível se evocar imagens ou impressões anteriores conforme a necessidade do momento.

Assim ocorre propriamente o trabalho de indução: estabelecimento de relações entre imagens anteriores e imagens atuais baseada em um critério pré-estabelecido de semelhança ou analogia.

Na elaboração dedutiva passamos a analisar os fenômenos segundo a relação dinâmica entre eles, ou seja, buscamos estabelecer relações cada vez mais precisas entre os diferentes fenômenos. Assim a inteligência, neste caso, participa de modo mais ativo e cotidiano pois não se limita a analisar os dados imediatos da realidade. A elaboração dedutiva rega a observação abstrata e permite a concepção de leis gerais, que nos levam a prever o resultado futuro da manifestação de uma constelação específica de fenômenos. Assim, a indução permite o estabelecimento de princípios-sintematização-de onde a dedução extrairá as consequências de ordem mais geral e independente-lela.

O resultado da elaboração indutiva e dedutiva é a construção intelectual ou pensamento.

A elaboração estimula também as funções intelectuais de comunicação e os "sinais" que resultam de comunicação intelectual e contribuem para o raciocínio, principalmente o dedutivo.

A comunicação ou expressão representa a fase final do contato intelectual com o meio ambiente. Como a comunicação é a função de ordem mais complexa e superior, exige uma capacidade específica

de estruturação e da integração do indivíduo à realidade.

Para que o trabalho mental de comunicação se torne efetivo e adequado, ele exige o concurso das demais funções subjetivas (desse as funções básicas até as disposições conativas e as funções intelectuais da observação e da elaboração).

Assim, a observação concreta auxilia a comunicação fornecendo-lhe as imagens que facilitam a instituição da linguagem. As funções de elaboração fornecem os meios de comparação e os procedimentos de coordenação do pensamento de modo a transmiti-la adequadamente. Podemos ver então, que o discurso coerente supõe a participação das funções intelectuais básicas; senão teríamos uma expressão confusa de sons ou de símbolos sem sentido.

A comunicação traduz níveis diversos de elaboração que refletem diferentes modalidades de dinamismos psíquicos. Há assim, três tipos principais de comunicação: mímica, verbal e abstrata.

MÍMICA: No homem a expressão mímica surge como o primeiro modo de comunicar as próprias necessidades vegetativas.

A criança aprende a comunicar-se com os demais através da mímica. Dada a natureza básica da expressão mímica, a ocorrência de alterações desta expressão reflete um comprometimento mais profundo do psiquismo (quer seja de ordem lesional que psicológica).

Há dois aspectos da mímica: a fisiológica e a gesticulação. A fisiológica traduz uma reação vegetativa básica, ou seja, exprime diretamente as necessidades inatintivas ou as reações de satisfação. No plano dos sentimentos ela traduz o início da manifestação da sociabilidade através do apego.

A gesticulação já envolve o esquema motor, a sensação e a expressão muscular coordenada. O gesto resulta da participação conativa e da reação afetiva. A utilização do gesto como meio de expressão supõe já um amadurecimento conativo que se expressa pela coordenação motora.

A este nível de comunicação, a ligação interpessoal é direta, ou seja, de pessoa para pessoa.

Nas fases mais avançadas do desenvolvimento individual a mímica pode ser utilizada como uma modalidade de comunicação abstrata. Por ex: no teatro e no psicodrama.

VERBAL: É o modo de comunicação onde ocorre uma participação mais significativa das funções conativas.

Todo trabalho mental de indução e dedução utiliza a expressão verbal enquanto raciocínio consciente.

A expressão verbal corresponde à linguagem.

Um sinal linguístico pode conter pelo menos três tipos de indicação:

1) atitudes psicológicas (emoções ou ações) que este sinal tendo a

provocar nos demais indivíduos → nível infra-linguístico.

2) o sinal designa um objeto do ambiente (semântica).

3) significado específico dentro da própria estrutura da linguagem.

Por ex: a conotação de uma palavra em uma frase ou de uma frase em um texto (sintaxe).

No caso da linguagem articulada, a sintaxe corresponde ao conjunto de regras que determinam a pronúncia correta das palavras (fonemas) enquanto que, ao nível semântico, encontramos uma representação por sons, de uma determinada idéia ou de um objeto. No caso da linguagem escrita, a sintaxe determina as regras para escrever corretamente (ortografia), enquanto que a semântica determina, de modo preciso, o modo de representar graficamente os sons verbais, que designam idéias ou objetos.

No início, a criança aprende a falar por imitação; ela articula os sons e os associa diretamente a objetos, a sentimentos ou a intenções. Devido à ligação afetiva estabelecida na família, os adultos compreendem e reagem de acordo com a intenção proposta pela criança. Nesta fase de imitação, a observação concreta é quem rege o trabalho mental e, a elaboração indutiva atua de modo progressivo. A criança ainda não domina o nível sintático e, portanto, não usa a palavra como um modo de expressão abstrata.

Assim, tanto no caso da linguagem inatura da criança, como em alterações de linguagem, não há ligações estruturais de uma sintaxe, e estas linguagens precisam da ajuda de outras formas de expressão: mímica, entonação afetiva, etc.

Com o desenvolvimento do pensamento abstrato e das funções conativas, a criança começa a expressar-se através de desenhos, e, mais tarde, começa a associar os sons ao uso de símbolos gráficos escritos.

A linguagem permite a comunicação mais ampla com um número maior de pessoas, sendo que a linguagem escrita comunica idéias a outras gerações.

ABSTRATA: A comunicação abstrata é regida pela lógica e é mais despojada de conotação afetiva. É mais geral e mais independente do tempo e do espaço.

O raciocínio abstrato é feito através de sinais e de conceitos operatórios. Por ex: os modelos científicos. Nesse nível, o trabalho mental não se baseia diretamente em imagens concretas, mas, se fundamenta em concepções abstratas de ordem mais geral e que permitem uma maior liberdade nas construções da hipótese e na intervenção sobre os fenômenos.

Essas noções abstratas não são necessariamente de caráter científico, pois podem estar ligadas a criações artísticas ou a teorias metafísicas, sendo que nestes últimos casos, ocorre maior participação

ção da afetividade e de juízos de valor, ligados a experiências concretas e que se associam ao pensamento abstrato.

Vemos, então, que a comunicação permite distinguir níveis diferentes de expressão, sendo que, ao nível abstrato, podemos isolar determinados aspectos dos fatos, ou levantar hipóteses sobre os mesmos, sem que seja necessária uma percepção direta nem uma técnica de atuação imediata.

Através das construções abstratas, nós podemos dominar da dos da realidade, cada vez mais complexos, e atingir regiões que ultrapassam a limitada capacidade humana de representação mental. criatividade e imaginação.

Para que o trabalho mental a este nível seja efetuado, correm todas as funções subjetivas e, no plano estrutural, a comunicação resulta do concurso de diferentes áreas corticais e sub-corticias.

Toda alteração destas regiões, assim como toda interrupção nas vias de comunicação nervosa (que ligam os órgãos da comunicação com o resto do aparelho cerebral), deve, necessariamente, comprometer as faculdades de expressão. Por outro lado, o resultado desse trabalho provocará modificações e ressonâncias em todo dinamismo da personalidade.

Para melhor entendermos a esfera intelectual e como mantemos contato com a realidade e, assim, formarmos uma noção desta, transcreveremos sinteticamente o processo mais importante para essa noção que é a teoria das imagens e formação da noção de realidade.

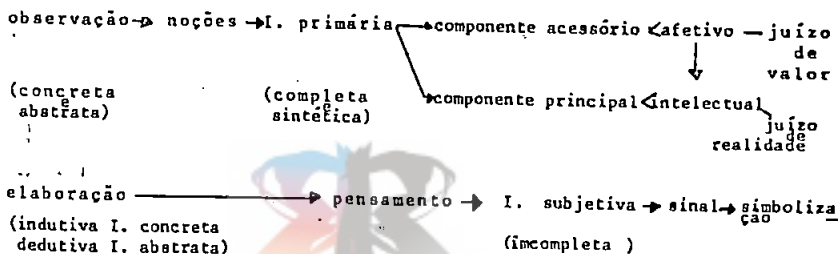
19- Imagem sensorial ou imagem simples é formada ao nível dos núcleos sub-corticias (núcleo geniculado). Esta imagem depende apenas dos estímulos selecionados, captados do ambiente pelo órgãos dos sentidos. É chamada imagem simples, porque está ligada a um estímulo e a um órgão sensorial. É mais imediata.

20- Imagem primária ou imagem composta forma-se ao nível cortical. Resulta do conjunto de informações trazidas pelas diferentes sentidos, por isso imagem composta. É uma imagem completa e sintética. Desta resultam as noções. Encontramos um componente consciente que é o principal, a parte intelectual; outro nível é inconsciente, acessório, responde à ressonância afetiva sobre a formação dos conceitos; independente da realidade objetiva. É próprio da criança sendo características dos primeiros contatos do bebê com a mãe. Esse componente acessório nos dá o juízo de valor (afetivo). A parte principal dá o juízo de realidade. A função correspondente a essa imagem é a observação.

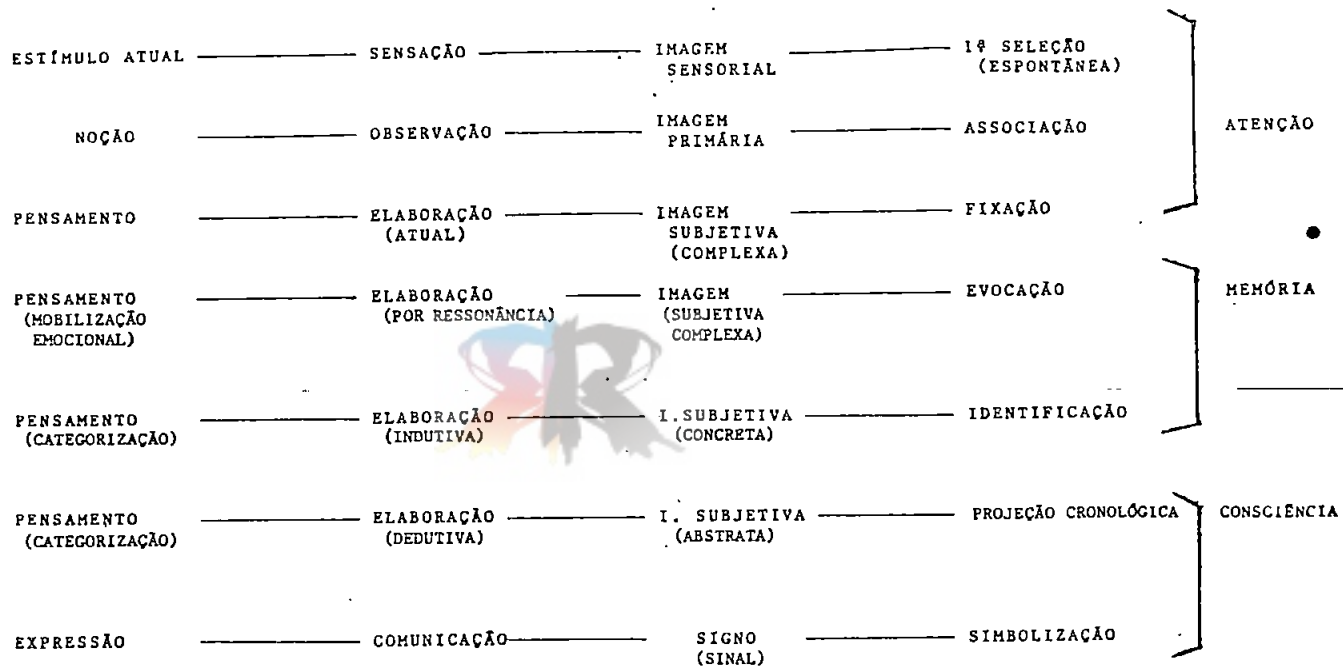
21- Imagem subjetiva - é incompleta. Não está mais ligada diretamente ao estímulo externo, mas sim ao nexos subjetivo. Permite associação lógica. Formula o juízo de realidade, possibilitando a generalização

dos fenômenos, que será feita através do sinal. A função correspondente é a elaboração intelectual, através dos dois níveis indução e dedução que dará, finalmente, o pensamento (resultado). É muito mais ativo e complexo que a ação obtida por observação. Quando já formada a imagem subjetiva, temos uma noção da realidade já elaborada sob forma de pensamento (elaboração). A esse trabalho preside o sinal, que é fundamental para a exteriorização dessas noções para o meio externo (comunicação), através da linguagem, que, no caso, é codificada formando o processo de simbolização (símbolos), onde se atribui a experiência a um código.

Esquematisando:



ESQUEMA LEVANDO EM DESTAQUE OUTRAS FUNÇÕES PSÍQUICAS



PERSONALIDADE SEGUNDO SIGMUNDO FREUD

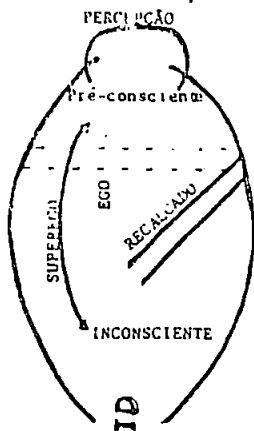
Personalidade implica em estrutura e desenvolvimento. Tor-na-se inseparável o entendimento do processo de desenvolvimento atra-vés do qual a estrutura evolui do entendimento desta última. A exis-tência de algum tipo de estrutura é necessária a qualquer manifesta-ção do comportamento.

"A investigação científica demonstrou irrefutavelmente que a atividade anímica está ligada à função do cérebro mais que a qual-quer outro órgão. Mas nossa tópica psíquica nada tem a ver, no momen-to atual, com a anatomia, referindo-se somente a regiões do aparelho anímico, de sede indeterminada, e não a localizações antômicas".
(S. Freud).

O tópico da visão freudiana conduz a uma diferenciação do aparelho psíquico em vários sistemas, com propriedades e que se man-têm ordenados de uma certa forma; perspectiva esta que permitiu a Freud falar, destes diferentes sistemas, por metáforas, referindo-se a eles como sendo lugares psíquicos que, de um modo figurado, podem se representar espacialmente.

Freud, partindo desta teoria, veio a estabelecer uma dife-renciação fundamental entre os sistemas Inconsciente, Pré-consciente e Consciente. Freud ao elaborar nova concepção de personalidade, a par-tir de 1920, firmou uma outra diferenciação de importância entre três entidades, o Id, o Ego e o Superego, denominado ao conjunto delas de "aparelho psíquico". Já não há uma correspondência verdadeira entre estes novos lugares psíquicos e os primeiros, sendo que, na verdade, embora o Id apresenta a maioria das características do sistema Incon-sciente, o Ego e o Superego também têm uma origem e uma parte incons-cientes.

Em Novas Conferências Sobre a Psicanálise, Freud apresen-tou um esquema que se propõe a esclarecer as relações que existem entre as tres características da personalidade.



O Superego infiltra suas raízes no Id e encontra-se mais afastado do sistema de percepção do que o Ego. O Id só se liga ao mundo exterior por intermédio do Ego.

Relacionando-se as duas tópicas, faz-se crer que pelo fato de o Ego tender a descrever melhor as modalidades do conflito psíquico, esta segunda teoria faz dela uma instância. Na verdade, a primeira tópica limitava-se a referir a tipos de funcionamento mental diferentes: os do processo psíquico primário opostos aos do processo psíquico secundário. Ao passo que, na segunda tópica os elementos-chaves do conflito, o Ego como polo defensivo, o Superego como conjunto de inibições, o Id como polo de impulsos, que são erigidos em instâncias do aparelho psíquico. Passando para a segunda tópica, as novas delimitações não invalidam as que já existiam entre o Inconsciente, o Pré-Consciente, mas nas instâncias do Ego e do Superego encontram-se reagrupados processos e funções que, pela primeira tópica, repartiam-se entre diferentes sistemas. Assim o Id engloba as mesmas características do que o Inconsciente anteriormente, mas não engloba o conjunto dos processos psíquicos inconscientes. Sobre este assunto, a grande inovação da segunda tópica está no fato de Freud ter definido nela a instância contra a qual se efetua a defesa como polo impulsor da personalidade e já não, simplesmente, como polo inconsciente. Já não se apresenta tão radical, a divisão entre as partes importantes no conflito. Ao invés, Freud criou o desenvolvimento das instâncias de modo progressivo e recíproco.

O APARELHO PSÍQUICO

O ID- Ele é a parte original do aparelho psíquico e a parte da qual depois desenvolvem-se as outras duas. É a parte herdada e que está ligada à constituição. Ao nascer o indivíduo, a totalidade de seu aparelho psíquico é o Id e está voltado para as necessidades básicas no começo da vida da criança. A atividade do Id consiste de impulsos regidos pelo princípio do prazer, impulsos que buscam o prazer e evitam a dor, na medida em que estas sensações são definidas pela própria natureza do organismo. Assim, a atividade humana, no início da existência, é basicamente animal. Nesta fase da vida, a criança ao procurar satisfação de seus impulsos básicos, naturalmente não procura avaliar sua racionalidade nem as fontes de satisfação disponíveis. Ela deseja gratificação imediata e não tolera a frustração. Com o crescimento, a criança tem que ir se adaptando às condições e exigências impostas pelo meio e para esta adaptação diferencia-se do Id uma nova parte do aparelho psíquico, o Ego, que agirá como intermediário entre o Id e o mundo externo.

O EGO- Ao deparar-se com as exigências do meio, a criança necessita gradualmente reorientar os impulsos do Id, de maneira que

estes sejam satisfeitos dentro de um princípio que não o do prazer, que é o princípio da realidade, através do qual o indivíduo deve suportar um sofrimento para depois alcançar o prazer e renunciar a um prazer que poderá fazê-lo sofrer mais tarde. Entretanto, ambos os princípios visam o mesmo fim que é o de alcançar a satisfação e evitar a dor. Assim, o princípio da realidade pode ser considerado como sendo o princípio do prazer modificado pelo desenvolvimento da razão. O Ego tem portanto, uma função de auto-preservação, porque se houvesse apenas a busca da gratificação imediata sem levar em conta as consequências da total evitação do sofrimento, o indivíduo sucumbiria. O Ego exerce um grande número de funções como intermediário entre o mundo interno (Id) e o mundo externo. Em relação ao mundo interno, aprende a controlar as demandas dos impulsos, decidindo se estes devem ser satisfeitos imediatamente, mais tarde ou nunca e em relação ao mundo externo, percebe os estímulos, avaliando sua qualidade e intensidade a partir de lembranças de experiências passadas, protege-se dos estímulos percebidos como perigosos, aproveita os estímulos favoráveis e realiza modificações no meio, que possam resultar em benefício da própria pessoa. Em resumo, são funções do Ego: perceber, lembrar, pensar, planejar e decidir.

O SUPEREGO- Com o desenvolvimento da criança, ela vai descobrindo que certas demandas do meio permanecem sob a forma de normas e regras estabelecidas e, assim, o Ego vai tendo que lidar repetidamente com os mesmos tipos de problemas e aprendendo a encontrar soluções para eles que sejam aceitáveis socialmente. O indivíduo não tem necessidade, indefinidamente, de parar para pensar cada vez que um problema aparecer. A decisão aparecerá automaticamente, pois as regras e normas impostas pelo mundo externo incorporam-se na estrutura psíquica, constituindo o Superego. Este representa a resposta automática, "certo" ou "errado", que aparece no indivíduo diante das diversas situações que exigem uma tomada de posição. O superego que, popularmente, é chamado de "consciência" representa a herança sócio-cultural do indivíduo e o Id representa a herança biológica.

Id, Ego e Superego, constituintes da estrutura psíquica, não podem ser considerados isoladamente no seu desenvolvimento e funcionamento, sendo eles interdependentes. O Ego exerce papel de integrador lidando simultaneamente com as demandas do Id, do Superego e do mundo externo. O Ego é a parte racional que faz uma transação realista considerando os aspectos próprios da natureza do indivíduo e o tipo de meio onde este vive. Ele decide o que fazer, de que forma e quando, visando sempre o bem estar do organismo integral.

DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE

Freud partiu do conceito de libido para conceber o desenvolvimento da personalidade. Libido é a energia que está à disposição dos impulsos de vida ou sexuais (é um conceito biológico), energia esta que provém da processos bioquímicos cujo dinamismo intrínseco não se conhece totalmente. Todas as pessoas, não importando o meio em que vivam, atingirão a vida adulta através da sucessão de fases numa sequência que é praticamente inevitável. O indivíduo cresce e se desenvolve à custa de impulsos construtivos que precisam de objetivos do meio externo para sua satisfação. Os vários estágios diferenciam-se pelo tipo de objeto para o qual está voltado a energia do impulso. O objeto da libido está no próprio indivíduo, em seus primeiros anos de vida e fala-se, então, neste sentido, em libido narcisista. A libido narcisista vai se transformando na libido objetal. À medida que os impulsos vão buscando seus objetos no mundo externo. Mais maduro e socializado é o indivíduo quanto maior for a libido objetal.

A SEXUALIDADE INFANTIL

Freud considerava como sexuais os desejos da criança e, assim, estendeu "a denominação sexual à atividades da primeira infância, em busca de prazeres locais que este ou aquele órgão é suscetível de proporcionar". (S. Freud).

Freud classificou com "pré-genital" todo o período anterior ao terceiro ano de vida da criança.

AS ORGANIZAÇÕES PRÉ-GENITAIS

ESTÁDIO ORAL

Este estágio de desenvolvimento da libido corresponde à primeira organização sexual pré-genital, e foi designado igualmente por Freud, pelo adjetivo "canibal". Em verdade, durante esta fase, a atividade sexual está ligada à absorção de alimentos. Conforme explicações de Freud, o impulso sexual, neste período, é satisfeito por apoio em outra função vital, a da Alimentação que vem combater a fome. Esta noção de "apoio", segundo a qual os impulsos sexuais ancoram-se nas funções de autoconservação, que lhes dão um objetivo e um objeto orgânicos, não sendo, portanto, imediatamente autônomos, é uma das chaves da teoria freudiana da sexualidade. Esta teoria foi apresentada por Freud, em 1905, em seus Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade, onde ele apresenta, como fundamental, o elo que liga o impulso sexual a importantes funções vitais. Esse elo, justamente é manifesto na atividade oral da criança de peito. Em realidade, segun-

do Freud, "a criança está sempre disposta a recomeçar a absorção de alimento, não por ter necessidade dela, mas apenas pela ação que em sa absorção implica" (S.Freud). Resumindo, foi o fato de chupar que deu à criança de peito uma satisfação e não apenas a absorção de ali mento. A sucção do seio materno não é, portanto, redutível à satisfa ção de uma necessidade de nutrição, mas ela proporciona à criança um verdadeiro prazer, que Freud classificou de sexual.

O ESTÁDIO SÁDICO-ANAL

Freud reservou a qualificação de sádico para o período de organização pré-genital que se segue ao estágio oral, ou seja, o pe ríodo anal. Freud referiu-se, em seu Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade, a uma fase sádico-anal, fase esta em que a oposição em tre ativo e passivo representa um papel primordial, anunciando, nu ma, certa medida, a polaridade sexual com a qual, mais tarde, ela co incidirá. O polo ativo desta fase é "a expressão de uma tendência pa-ra o domínio, que depressa degenera em crueldade" (S.Freud). O polo passivo corresponde ao papel representado pela zona erógena do ânus, quando da excreção das matérias fecais. "O elemento ativo parece con tido pelo impulso de dominar, ligado, em si, à musculatura; o ór gão, cujo objetivo sexual é passivo será representado pela mucosa in testinal erógena" (S.Freud). Em consequência, Freud fez corresponder a atividade ao sadismo e a passividade ao erotismo anal. Os dois ím pulsos parciais têm funções diferentes, a primeira implicando a pre sença de um objeto hetero-erótico e a segunda ainda ligada a uma ten dência auto-erótica, como se vê no estágio oral. Pode-se entender, des ta maneira, como a fase sádico-anal ocupa um lugar intermediário, no desenvolvimento da libido, entre, por um lado, a fase oral e, por ou tro, a fase genital, na qual há "organização e sujeição dos impulsos parciais à função de procriação" (S.Freud).

Deve-se sempre ter em conta que o protótipo do impulso de dominar, que aparece na fase sádico-anal, é dado pela atividade de defecação. Nesta atividade, vemos em ação, de fato, o impulso sádico em sua bipolaridade essencial, já que a criança, de forma contraditória, procura destruir o objeto e controlá-lo, conservando-o de mane ira possessiva. É desse modo o controle do funcionamento do esfíncter pela criança, ou seja, o domínio da excreção ou da retenção de fezes por ela, que serve de modelo ao impulso sádico por intermédio do qual a criança encontra, logo após, um objeto sexual em outra pessoa.

AS BUSCAS SEXUAIS DA CRIANÇA E O ESTÁDIO FÁLICO

Dentro de um período compreendido entre o terceiro e o quinto ano de vida, em seguida às atividades do estágio anal, Freud chamou a atenção para "os inícios de uma atividade provocada pelo impulso de procurar e de saber", atividade esta que "corresponde, por um lado, à sublimação da necessidade de dominar e, por outro, utiliza como energia o desejo de ver" (S.Freud). Segundo Freud, este impulso de saber manteria estreita relação com a vida sexual, dado que nesta fase a criança atribuiria extrema importância aos problemas sexuais. Para ele, seriam esses problemas que despertariam a inteligência da criança, por uma questão de verdadeira necessidade prática como, por exemplo, na situação de ameaça do nascimento de um irmão que poderia lhe acarretar uma diminuição de amor e atenção dos pais. Disso decorreria o grande interesse das crianças dessa idade pelo enigma da origem dos bebês. Este é um aspecto da teoria freudiana bastante controverso e criticado por muitos.

No tocante à organização da sexualidade, o período posterior ao estágio anal já se mostra bastante próximo à organização do adulto. Freud o designou por estágio fático, por corresponder a uma organização da libido infantil em torno da primazia do falo. É este estágio a terceira fase no desenvolvimento da sexualidade infantil e se verifica após as duas organizações pré-genitais, o estágio, oral e o anal.

Em 1923, Freud escreve a este respeito: "Nesta fase, que já merece ser chamada genital, encontra-se um objeto sexual e uma certa convergência das tendências sexuais sobre esse objeto. Mas existe uma diferença essencial entre ela e a organização definitiva na época da maturidade sexual: essa fase só conhece uma espécie de órgão genital, o órgão masculino. É por esta razão que lhe chamei estágio de organização fálica" (S:Freud).

Para Freud, os cinco primeiros anos de vida são decisivos na formação da personalidade. A maneira como a criança resolve os problemas surgidos nesses três primeiros estágios e os mecanismos de adaptação ou defesa que utiliza são os responsáveis pela estrutura básica de seu caráter, a qual é o ponto de partida para todo seu futuro desenvolvimento.



SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO
REPRODUÇÃO PROIBIDA

A "formação reacional" possibilitaria, nesse período, a sublimação dos impulsos sexuais. O mesmo não ocorre, obrigatoriamente, em estados mais avançados do desenvolvimento, segundo indicou Freud. Ele salientou que a formação reacional e a sublimação devem ser encaradas como processos diferentes. Isso significa que, depois da puberdade e na idade adulta, há casos em que se realizam certas sublimações através de mecanismos mais simples. No entanto, o campo das atividades sublimadas permanece mal circunscrito, na teoria freudiana. Freud ainda insiste em salientar o caráter hipotético de suas opiniões a respeito do período da latência. Diz que, em sua teoria, a transformação da sexualidade infantil "representa um dos objetivos da educação, um ideal que o indivíduo só alcança imperfeitamente e do qual, em muitos casos, se afasta consideravelmente". E acrescenta: "Acontece, às vezes, que um fragmento da vida sexual que escapou à sublimação entre em irrupção; ou, ainda, que subsista uma atividade sexual através de toda a duração da latência, até o desabrochar do impulso sexual, com a pureza" (S. Freud).

O ESTÁDIO GENITAL

Antes da puberdade, o impulso sexual permanecia essencialmente auto-erótico, "provenientes de impulsos parciais e de zonas erógenas que, independentemente umas das outras, procuravam como objetivo único da sexualidade um certo prazer" (S. Freud). O instinto sexual, entre o segundo e o quinto ano de vida, emana de fontes diversas. Proporciona à criança diversos tipos de sensações agradáveis, qualificadas por ele prazeres sexuais. Todavia, o instinto sexual, de início, naturalmente, é independente da função de reprodução. Esse prazer não é um prazer de função. Só na puberdade, quando ligado à função de reprodução, esse prazer poderá ser assim designado. Para a criança, o prazer sexual se liga à excitação de zonas erógenas, como "a boca, o ânus, a uretra, bem como a epiderme e outras superfícies sensíveis" (S. Freud). Por isso, Freud se referiu a um "prazer de órgão". Neste tipo de prazer, a excitação de uma zona erógena específica, por si só, o prazer, sem que este se relacione à satisfação de outras zonas ou corresponda à realização de uma função. "As excitações provenientes de todas essas fontes não se condenam num todo, mas perseguem cada uma um objetivo separado que apenas representa a obtenção de um prazer específico" (S. Freud). "O impulso sexual durante a infância ainda não é centrado, não tem, de início, qualquer-objeto, o que significa que é auto-erótico" (S. Freud). "A libido ainda é simplesmente "narcisista" e não "objetal", como será, em princípio, plenamente, depois da puberdade.

Freud demonstrou verdadeiro interesse e descreveu, especialmente em seus Três Ensaios Sobre A Teoria da Sexualidade, as transformações que, na puberdade, devem levar a vida sexual da criança "à sua forma definitiva e normal". Com a puberdade aparece um novo objetivo sexual para o qual todos os impulsos parciais dos estádios anteriores se orientam, enquanto as diversas zonas erógenas se submetem à primazia da zona genital.

Segundo Freud, "a plena organização (a libido) só é alcançada pela puberdade numa quarta fase, a fase genital" (S. Freud).

Na realidade, durante as fases anteriores - oral, anal e fálica os objetivos sexuais permanecem parciais e os objetos são inadequados. Assim, é a partir da noção do objeto que se articula a noção de organização da libido em diferentes fases de desenvolvimento, com a criança passando do auto-erotismo ao objetivo hetero-sexual.

Ainda segundo Freud, "como o novo objetivo sexual determina para os dois sexos funções muito diferentes, as evoluções sexuais divergem fortemente".

Em seus Três Ensaios Sobre A Teoria da Sexualidade, Freud estudou principalmente a evolução sexual do homem, que considera a mais lógica e, conseqüentemente, a mais fácil de interpretar. Reanalisou a noção de prazer sexual, a partir da posição do objetivo sexual, que no homem, depois da puberdade, consiste na emissão dos produtos genitais. Estabeleceu, na verdade, uma distinção entre o prazer devido à excitação das zonas erógenas e o que se refere à ejaculação dos produtos genitais. Qualificou o primeiro como "prazer de órgão" e o segundo como "prazer terminal" e verificou que "longe de ser alheio ao antigo objetivo, o novo objetivo assemelha-se a ele no sentido em que o máximo de prazer está ligado ao ato final do processo sexual" (S. Freud). Todavia, por meio deste processo, "toda vida sexual entra a serviço da reprodução e a satisfação das primeiras tendências só tem importância como preparadora e favorecedora do verdadeiro ato sexual" (S. Freud). Salientou: "o prazer preliminar é aquilo mesmo a que os impulsos sexuais infantis podem chegar, embora apenas do modo rudimentar" (S. Freud). Estamos, portanto, diante de um prazer de órgão, que, aqui, se subordina a um prazer de função, o da reprodução. "A nova coisa que aparece é o prazer terminal, o qual, por conseguinte, segundo todas as probabilidades, está ligado a certas condições que só se apresentam na puberdade. A fórmula da nova função das zonas erógenas pode ser enunciada assim: por meio do prazer preliminar, obtido como o era na criança, elas servem para produzir o prazer de satisfação que representa o grau superior" (S. Freud).

É de salientar que é nesse nível, justamente, que se compreende a noção de perversão. O fato é que as tendências sexuais parciais não se subordinariam todas à primazia da zona genital. Uma tendência, permanecendo independente, constituiria aquilo a que Freud chama

...mou uma perversão e substituiria o objetivo sexual normal por sua própria finalidade. Pode, por exemplo, acontecer que o auto-erotismo não seja totalmente resolvido ou, então, que persista a equivalência original dos dois sexos, como objetos sexuais, o que representaria, no adulto, uma ambivalência sexual ou, até mesmo, uma homossexualismo total. Segundo Freud, "esta série de perturbações corresponde a uma parada do desenvolvimento das funções sexuais; inclui, também, as perversões e o infantilismo geral bastante frequente da via sexual".

Na realidade, Freud fez questão de evidenciar, por um lado que "as manifestações infantis da sexualidade não determinam apenas os desvios, mas também as formações normais da vida sexual adulta" e, por outro, que "poderíamos definir o tratamento psicanalítico como uma educação progressiva para superar em cada um de nós os resíduos da infância".



... 1948 ...

... 1949 ...

... 1950 ...

... 1951 ...

... 1952 ...

... 1953 ...

... 1954 ...

... 1955 ...

... 1956 ...

CONSTITUTION

cidas, às quais deve o Ego^o se submeter para dar soluções adequadas aos citados problemas, em concordância com o meio em que vive, há necessidade que se desenvolva um mecanismo controlador, moderador, adequador que configura o Superego freudiano. Este período de surgimento do Superego, na teoria de Comte, se coadunaria com o início da prevalência da sociabilidade (socialização).

Conforme as relações humanas vão se ampliando, há necessidade da criança de ser aceita pelo grupo; surge, então, a necessidade de aprovação, a qual estará sempre presente no ser humano. Com um maior amadurecimento, há a tendência a compartilhar, uma evolução da necessidade de aprovação (vaidade), que é a veneração.

Dentro deste espírito, podemos correlacioná-las (vaidade e veneração) com um aspecto do Superego, aquele ligado ao conteúdo social.

Considerando o evoluir das fases de desenvolvimento da personalidade, segundo a teoria de Freud, tentamos relacioná-la com a época de aparecimento de algumas funções da teoria de personalidade de Comte, reconhecendo a dificuldade deste paralelismo. Assim, poderíamos relacionar a época de aparecimento dos dentes, onde a criança manifesta uma tendência à destruição e a reconhecer o mundo e o ambiente através do ato de levar tudo à boca, segundo Comte, com a fase oral da teoria freudiana, onde o impulso sexual é satisfeito por intermédio da atividade oral.

Em certa fase de seu desenvolvimento, a criança experimenta a necessidade de domínio (orgulho), que juntamente com o instinto de posse, podemos relacionar à fase anal, onde, segundo Freud, existe uma oposição entre dois polos: ativo e passivo. O polo ativo desta fase é constituído pelo impulso de dominar, que se manifesta pela retenção das fezes, ato este também ligado ao instinto de posse, dado que a criança percebe as fezes como um produto que lhe pertence.

Para Comte, o grau máximo do amadurecimento psicológico se daria quando as funções da sociabilidade passam a reger as da individualidade. O indivíduo não pensa mais só nas necessidades de domínio e aprovação mas, passa a considerar os outros, aparecendo a bondade (amor) que consiste em reconhecer e aceitar os sentimentos do outro.

Para Freud, este grau é atingido com o surgimento da liberação do objeto que leva a vida sexual à sua forma definitiva e normal, onde o prazer passa, de um prazer de órgão, como o era na infância, para um prazer de função, o da reprodução.

Com o estudo que realizamos destas duas importantes teorias de personalidade, pudemos verificar que ambas, apesar de suas divergências em essência e em enfoque, vêm trazer, de modo indiscutivelmente genuíno e marcante, contribuições valiosas para a compreensão da dinâmica e estrutura da personalidade humana, assunto este, até hoje controverso, difícil e, de maneira alguma, encerrado em sua busca e pesquisa.

B I B L I O G R A F I A

- Clancier, Pierre-Sylvestre; Freud - coleção Iniciação e Debate - São Paulo, Edições Melhoramentos, 1977.
- Coelho, Lucia M.S. - Epilepsia e Personalidade, São Paulo, Editora Atica, 1978.
- D'Andréa, Flávio Fortes - Desenvolvimento da Personalidade, São Paulo e Rio de Janeiro, Difel/Difusão Editora S.A., 1975.
- Freud, Sigmund - Obras Completas, Rio de Janeiro, Editora Delta S.A.
- Freud, Sigmund - Trois essais sur la theorie de la sexualité, coleção "Idéias", Paris, Gallimard, 1962.
- Apostilas relacionadas com psicopatologia e teoria de personalidade, segundo Auguste Comte e Anibal Silveira, da Sociedade Rorschach de São Paulo e do Curso para médicos residentes do Hospital Psiquiátrico do Juqueri.



SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO
REPRODUÇÃO PROIBIDA

NOTICIÁRIO

I - CONGRESSOS, SIMPÓSIOS, ENCONTROS CIENTÍFICOS -

V Congresso Latinoamericano de Rorschach y otras técnicas proyectivas.

Realizar-se-á de 14 a 17 de julho de 1983, na cidade de Montevideo no Uruguai, o V Congresso latinoamericano de Rorschach y otras técnicas proyectivas. O tema básico do Congresso versará sobre o Conteúdo no Método de Rorschach. Participarão do evento renomados psicólogos, sendo que vários profissionais uruguaios, argentinos e brasileiros já enviaram seus trabalhos.

Como atividade pré-Congresso, a Psicóloga Isabel Adrados proferirá o curso "El perfil psicodiagnóstico del niño de 7 a 14 años", nos dias 12 e 13 de julho.

Maiores informações na Secretaria desta Sociedade.

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE RORSCHACH

O comitê do XI Congresso Internacional de Rorschach e Métodos Proyectivos que se realizará em Barcelona, de 11 a 14 de julho de 1985, fixou até 31 de dezembro de 1983, a data para recebimento dos trabalhos, sendo os seguintes os temas propostos:

- Depressão
- Infância
- Velhice
- A Perversão
- A pesquisa em diferentes países
- Workshop: um caso clínico com bateria de Testes e a comparação entre níveis tratados por cada teste
- Apresentação de Trabalhos livres.

Maiores informações na Secretaria desta Sociedade.

II- PUBLICAÇÕES

- Encontra-se em fase final de publicação o livro do Prof. Dr. Anibal Silveira, "Prova de Rorschach: Elaboração do Psicodrama". O autor não autorizou novas edições enquanto a obra não estivesse convenientemente atualizada e completada; para tanto contou com a colaboração da Dra. Lúcia Coelho, tendo concluído tal trabalho pouco antes de falecer. Por algum tempo, consternados com sua morte, tal empreendimento esteve estacionado e é com alegria que recebemos tal notícia, esperando sua concretização para breve.

III- ATIVIDADES DA SOCIEDADE DE RORSCHACH DE SÃO PAULO

Transcrevemos a seguir a súmula das reuniões ordinárias realizadas no período de junho a dezembro de 1982, na sede da Sociedade.

Em 17 de junho de 1982, houve apresentação e posterior discussão de dois trabalhos realizados com o método de Rorschach. O primeiro delas, "Study of the effects of neuroleptis impregnation in schizophrenic patients through the Rorschach method", de M. Lottenberg, L. Yasigi, I Shirakawa e M. Callia

1. Shirakawa e M. Callia, foi relatado por Norma Lottenberg e a autora descreve os resultados obtidos através do Método de Rorschach em oito pacientes de sexo feminino, enquanto estavam sob impregnação e após esta, sendo tais, internas do Hospital Psiquiátrico de Vila Mariana, de idade variando de vinte e três a sessenta e três anos. Eram todas tidas como esquizofrênicas paranoídes. Foram comparados os resultados, caso a caso, separadamente. A equipe chegou a conclusão de que a impregnação neuroléptica leva a uma melhora, não só do quadro clínico, como também da personalidade.

O segundo trabalho "Reflexiones sobre los modos de defensa de pacientes frontotripos en el Test de Rorschach", de Beatriz B. De A. Lanzillotto e Carlos Alberto Paz, foi apresentado pelo primeiro autor, onde descreve as características principais destes pacientes segundo a literatura internacional e os dados obtidos no Rorschach confirmando tais características. Este trabalho foi elaborado segundo método de Klopfer e os índices que os autores assinalam como sinais certos para o diagnóstico de pacientes frontotripos são:

EW muito elevado, como índice de temor ao descontrole ou à desorganização.

YK + YC, não chega a um quarto de F, por incapacidade de insight com respeito a suas necessidades afetivas, negação da necessidade de afeto.

W muito superior a M, excessivas aspirações intelectuais e tendências a compensá-las através da intelectualização.

IF e IF' extensivo alto, controle racional rígido.

IF'' e IF''' extensivo diminuído, como índice de dificuldade no contato com a realidade.

M = a PM + m, inaturalidade, dificuldade no controle dos impulsos.

PH + m > Fc' + c + C', angústia na área da necessidade de dependência;

YK + R + FC, mantido dentro do normal.

A + Ad', algo aumentado.

Z H normal ou algo diminuído.

P normal ou baixo, porém positivo.

Z O normal mas quase sempre + ou -.

M: ξ C, tendência à introversão, mas não sempre.

M entre 1 ou 2 respostas, raras vezes e números alto, entre 6 e 9.

- cromático sempre maior do que acromático;
- número de respostas normal;
- tempo normal;
- não há respostas de sombreado indiferenciado ou muito poucas;
- $FC \leq CF + C$;
- D variável;
- D ds diminuído ou às vezes normal;
- d quase não aparece;
- sucessão quando se pode considerar, tendência a ser ordenada;
- Lâmina II, respostas de sangue;
- Lâmina VII, respostas de simbiose;
- Lâmina IV, respostas de "defect's";
- Lâmina X, respostas contaminadas ou confabuladas;
- Conteúdos relativos a partos ou abortos, respostas sexuais confusas, sadomasoquistas - dificuldade no esquema corporal.

Em 29 de setembro de 1982 foi apresentado o trabalho "Recortes na Observação do Real sobre a Função Intelectual de Observação através da Prova de Rorschach em um grupo Xavantes: Uma proposta para classificação de Modalidades", pela Profª Lília de Muzio Piccinelli.

A autora explanou como foram obtidos os dados e os resultados parciais da pesquisa mais ampla relacionando-os com aspectos da cultura indígena considerados do ponto de vista etnológico. Foram apresentados slides onde se ilustram flagrantes da cultura e costumes Xavantes. Quanto ao tipo de percepção do grupo estudado, a autora concluiu que embora predominassem as respostas de pormenor primário ou secundário a um nível bem mais elevado do que o esperado em relação às respostas globais, estes pormenores muitas vezes eram combinados à semelhança do que acontece com as globais.

Em 16 de dezembro de 1982, foi votada e eleita, por unanimidade, a nova diretoria da entidade que ficará, a partir de 15 de março de 1983, data fixada para a posse, assim constituída:

PRESIDENTE: Profª Lília de Muzio Piccinelli

VICE-PRESIDENTE: Profª Dra. Lúcia Coelho

SECRETÁRIO: Dr. Ruy Benedicto Mendes Filho

SEGUNDO SECRETÁRIO: Dra. Hilda Morana

TESOUREIRO: Psicóloga Leda França

COMISSÃO CIENTÍFICA: Profª Ana Maria T.B. Prestes de Camargo
Psicóloga Maria Helena Steiner

COMISSÃO DE NOMEAÇÃO E ORÇAMENTO: Psicóloga Fantina Duarte
Psicóloga Daisy Bracco

Ficou também decidido que as comissões terão autonomia para eleger seus assessores, conforme as atividades a serem desenvolvidas.

IV- CURSOS

Realizou-se de 2 de setembro a 9 de dezembro de 1982 o curso sobre "Teoria da Personalidade", ministrado pela Profa. Dra. Lúcia Coelho.

Destinou-se o mesmo a psicólogos e psiquiatras interessados em discutir e aprofundar a Teoria da Personalidade formulada por A. Conte e posteriormente desenvolvida e sistematizada por A. Silveira.

INDICADOR PROFISSIONAL

MARIA APARECIDA MATTOS GOMES

PSICÓLOGA

DIAGNÓSTICO - REEDUCAÇÃO - TERAPIA PSICOMOTORA

MARIA KATIANA VELOK GUTIERREZ.

FONOAUDIOLOGIA

CONSULTÓRIO

RUA PROF. ERNEST MARCUS, 05 (ANTIGA SOROCABA)

FONE: 257-37-90 - PACAEMBŪ - CEP: 01246

IRANI TOMIATTO DE OLIVEIRA

CRP - 06/2336

PSICODIAGNÓSTICO - PSICOTERAPIA

AV. BRIGADEIRO FARIA LIMA, 1651 CONJ. 213/214

FONE: 212-9196 - 814-6808

SÃO PAULO

SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO
REPRODUÇÃO PROIBIDA



159.9(5) 000746

Boletim da Sociedade Rorschach de São Paulo Vol.
1 nº 2

Sociedade Rorschach de São Paulo - -

1982 - 1ªed. - ex.1

S67851b

Português SRSP/BAS